



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Rede Bom Dia – Diário de S. Paulo

Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 07 de abril de 2010

Obs.: Entrevista publicada em 11 de abril de 2010

Jornalista: Presidente, o senhor disse no jornal de hoje que seu apartamento teve problema?

Presidente: Não, não, é problema de chuva, pô.

Jornalista: Mas o que houve? Em São Bernardo choveu fortíssimo?

Presidente: Não, nesses tempos a chuva foi demais. Está vazando água dentro.

Jornalista: Do seu apartamento?

Presidente: É.

Jornalista: Mas o negócio do Rio foi... O senhor estava no Rio por coincidência, por uma programação...

Presidente: Eu tinha agenda no Rio de Janeiro. Eu tinha agenda porque eu tinha duas entrevistas no Rio, uma para a rádio Tupi e outra para a rádio Nativa, às 8 horas da manhã; eu tinha inauguração de uma unidade de pronto atendimento médico no Complexo do Alemão, e não pude ir inaugurar; eu tinha, depois, uma participação no BNDES para discutir o Programa de Investimento Produtivo – de Desenvolvimento Produtivo –, e depois eu tinha as



Olimpíadas da Matemática no Rio de Janeiro, que era a entrega de medalha de ouro para os 300 medalhistas do Brasil inteiro. E depois eu tinha, em São Paulo, a Feicon. Daí, eu fiz no Rio de Janeiro e fui para a Feicon.

Jornalista: Mas foi realmente uma tragédia, uma cena na televisão...

Presidente: Eu penso que a quantidade de chuvas que está caindo no Brasil deve ter algum fenômeno ligado à questão do clima, porque Brasília também tem chovido demais.

Jornalista: Mais do que o normal.

Presidente: Se Brasília tivesse morro como tem o Rio de Janeiro e favela tal como tem no Rio e em São Paulo, certamente nesse final de semana teria acontecido uma desgraça em Brasília, porque eu fiquei sexta, sábado e domingo no Torto, foi chuva torrencial, torrencial, a ponto de ficar mais de uma hora as calhas não aguentando o volume de água, ou seja, a água saía por cima da calha. A sorte nossa é que Brasília é plana e as pessoas pobres não moram na situação de risco que moram no Rio de Janeiro, que moram em São Paulo, que moram em outros estados da Federação – ou na encosta de rio ou... na beira de córrego ou na encosta de rio. E também pelo volume de água que caiu no Rio de Janeiro, não é? A informação que eu tive ontem à tarde é que a maior...maior quantidade de chuva que tinha tido no Rio de Janeiro era 266 milímetros, em 1966.

_____ :...uma tragédia...



Presidente: Foi uma tragédia. Depois, em [19] 88, outra tragédia, que choveu duzentos e poucos milímetros. Mas ontem, a hora que eu saí, tinha chovido, já, 280 milímetros e, à noite, parece que tinha chegado a 330 milímetros. Então...

Jornalista: Muito mais concentrado em um curto espaço de tempo.

Presidente: É. Que é...eu não sei se é um fenômeno novo. Esses dias eu recebi um telefonema do prefeito de Campo Grande, que tinha uma chuva...que tinha uma nuvem preta em cima de Campo Grande e, de repente, essa chuva desabou a soltar água e acabou com a cidade de Campo Grande.

Jornalista: Foi, foi uma cena muito impressionante

Presidente: O prefeito Nelson Trad me ligou dizendo: “Ó Presidente Lula, era uma nuvem, que a gente até pensava que era passageira e, de repente, acabou com a cidade”.

Eu penso que tem um fenômeno novo acontecendo nas mudanças de intempéries. Acho que esse negócio de chover onde não chovia antes e chover menos onde chovia muito. Esse excesso de água em alguns Estados da Federação, eu acho que demonstra que tem alguma coisa importante a ser discutida nessa mudança de clima. Agora, também nós temos que ter em conta que as desgraças que acontecem com a sociedade, normalmente, são as pessoas mais pobres as vítimas, é em função do desmazelo que aconteceu nesse país, nos últimos 40 ou 50 anos. Eu lembro que nos anos 70, São Paulo tinha poucas favelas, tinha duas muito conhecidas que eram as maiores, que era a Vila Prudente e a favela do Vergueiro. Hoje a favela da Vila Prudente existe, menor, a Vergueiro virou um bairro de classe média, mas era uma grande favela. Mas, temos mais de 2 milhões de pessoas morando em favela, morando em situações delicadas.



No Rio de Janeiro, onde você pega ali grandes bairros, que são grandes favelas, nas décadas de 50, eram fazendas que, de repente, uma irresponsabilidade gerencial dos administradores foi permitindo a construção inadequada de casas e as pessoas se apinhando...tem muito a ver com o desenvolvimento econômico das capitais em detrimento do desenvolvimento econômico de outras partes do país, porque o êxodo do pessoal de outras regiões vai ocupando de forma desordenada. Então, quando nós decidimos, em 2003, quando lançamos o PAC...2006.. 2007, quando lançamos o PAC 1, que começamos a colocar dinheiro em urbanização de favela, drenagem e saneamento básico, na verdade nós estávamos trabalhando a ideia de um processo de recuperação dessas áreas degradadas do país. E agora, no PAC 2, nós colocamos muito mais dinheiro para drenagem, muito mais dinheiro para saneamento básico, muito mais dinheiro para habitação e urbanização, que é você transformar esses lugares inadequados em bairros. Acabou o tempo em que morar no bico do morro era motivo de romantismo, de poetas, de...

Jornalista: Samba.

Presidente: ...de samba, Noel Rosa, e vai por aí fora. Acabou o tempo. Esse ajuntamento de pessoas foi tornando os bairros mais violentos, as condições de vida mais sofridas e você sabe que desgraça gera desgraça, não é? Então, nós estamos quase que fazendo um processo de reparação. É por isso que no Rio de Janeiro nós estamos fazendo muito investimento em Pavão-Pavãozinho, no Complexo do Alemão, em Mangueiras, na Rocinha, que é para você alargar as ruas, para você melhorar a situação de transporte, para você levar a presença do Estado lá para dentro, até para combater a violência. O Estado tem que estar presente com cultura, com educação, com possibilidade de trabalho, com formação. É repensar o papel de um prefeito, de um governador e de um presidente da República e das suas instituições: como é



que a gente joga o jogo para permitir que essas pessoas vivam mais dignamente.

Jornalista: Presidente...

Presidente: Alguém... Stuckinha, pede para alguém trazer água para nós? Água e café, né, meu filho? Não é porque eu parei de fumar que a gente não vai tomar um cafezinho.

Jornalista: O senhor parou completamente, Presidente?

Presidente: Completamente.

Jornalista: De vez em quando uma...

Presidente: Não, não, não.

Jornalista: ...cigarrilha?

Presidente: Completamente.

Jornalista: Presidente...

Presidente: Tardiamente, mas firme.

Jornalista: ...hoje os jornais têm uma, uma... duas reportagens mostrando... Uma, que o Supremo... o Tribunal Superior Eleitoral confirmou aquela multa por publicidade antecipada, e ao mesmo tempo tem uma declaração sua exatamente sobre isso, sobre a questão de como deve ser o comportamento



que o senhor chamou de “deve haver um comportamento republicano”. O senhor poderia comentar essa questão da multa antecipada... por publicidade antecipada e a sua posição em relação a isso?

Presidente: Deixa eu dizer para você. Eu tenho por hábito não ficar comentando decisão do Poder Judiciário. Se fosse numa primeira instância, eu poderia comentar porque eu ia recorrer na segunda e na terceira. Mas, quando é julgado numa instância superior, eu fico quieto. O que é que eu me manifestei? Veja, eu estava num evento particular: era a inauguração da sede de um sindicato. Ao me pronunciar e dizer que nós íamos ganhar as eleições, que eu fazer meu sucessor, o câmara parece que mostrou a cara da Dilma. Ora, eu não sou dono da câmara, eu não estava lá atrás da câmara. Eu vou saber o que o Stuckinha está filmando ali? Dá uma olhada nele ali.

Jornalista: Ele parece que está filmando o senhor ali.

Presidente: Mas ele poderia dar na tua cara se eu falasse “vamos ganhar as eleições” e você fosse candidato, poderia colocar na tua cara. Mas como é que eu vou pagar o preço disso? Vão punir o câmara! Bom, mas de qualquer forma, os advogados fizeram a defesa, a Justiça não compreendeu, vamos pagar R\$ 5 mil. Eu tomo 2.500 emprestados teus, 2.500 do Franklin, faço os 5 mil...

Jornalista: Agora...

Presidente: ... vocês me emprestam a fundo perdido e eu pago a multa. Veja, eu acho... deixa eu contar uma coisa para vocês. Eu acho que... que os partidos políticos têm muita responsabilidade nessas coisas. Aliás, somente eles têm responsabilidade, porque todos eles sabem que precisa ter uma reforma política no Brasil e todos eles sabem que regular o processo eleitoral,



ou seja, fazer uma lei que diga como é o processo eleitoral, o que pode, o que não pode, deve ser do Congresso Nacional. Mas na medida que eles se omitem, a Justiça faz. Então, eu... eu... eu estou convencido de que os partidos políticos precisam definir uma lei eleitoral mais clara, mais objetiva, porque senão você fica muito vulnerável. Veja, o que aconteceu no ano passado, por exemplo? No ano passado, acho que três governadores foram cassados por corrupção. Faltava pouco tempo para eles terminarem o mandato. Todos eles vão ser candidatos ao Senado, ou seja, tirou-se seis meses de mandato e vão dar oito anos de mandato.

Jornalista: Entendi.

Presidente: Que dizer, então, é preciso que haja uma regulamentação. Veja, somente quem perde as eleições é que entra com processo. E nós não sabemos, muitas vezes, que quem é oposição, às vezes, tem mais dinheiro do que quem é situação. Então, vai... se virar moda, o que vai acontecer? Você disputa uma eleição, você ganha, no dia seguinte você abre um processo por abuso de poder econômico do teu derrotado. Ou seja, você já vai escantear ele, para ele não poder abrir contra você.

Jornalista: Agora...

Presidente: É uma defesa. Então, o que eu acho é o seguinte: eu acho que a Justiça não tem culpa. Eu acho que a culpa é dos partidos políticos, que precisam regular corretamente o que pode um candidato, o que não pode um candidato. Já tem muita coisa equivocada no Brasil, na minha opinião. Tem coisas assim equivocadas, por exemplo, por que o presidente da República - que é voto mais importante - é o último, e primeiro se vota em deputado estadual, deputado federal, para chegar...? Certamente, a lógica é que se tiver



o presidente primeiro, as pessoas votam para presidente e vão embora. Esse é o medo, é de [para] garantir. Segundo, por que um deputado pode ser candidato a prefeito no exercício do mandato e um prefeito, para ser candidato a deputado, tem que sair do mandato? Por que um senador - a mesma coisa - pode ser candidato no meio do seu mandato a qualquer coisa, sem perder o mandato, e um candidato a presidente tem que sair do mandato? Então, eu acho que o Congresso Nacional deve essa à sociedade brasileira, e os partidos políticos devem, a começar do meu partido, para não ficar culpando os outros. A começar do PT, precisa colocar isso na sua agenda e começar a trabalhar uma regulamentação correta para a questão eleitoral.

Jornalista: Agora, nesse ano que... digamos, temos uma campanha eleitoral que está começando, como é a visão que o senhor tem em relação à sua participação, nos próximos meses? O presidente da República participará de comícios da candidata do seu partido?

Presidente: Participarei, participarei. Deixa eu dizer uma coisa, eu, eu tenho... eu tenho... eu vou tentar dividir o meu tempo habilmente. Eu vou ver...eu vou ver como é que fizeram os outros presidentes. Eu vou pegar a história de como aconteceu no Brasil ao longo de tempos. Eu tenho o horário de trabalho do Presidente, que é o horário de agenda do Presidente. Mas o Presidente pode, no sábado, fazer campanha, pode à noite, depois das seis, fazer campanha. Nós vamos ver como é que a gente trabalha isso. Porque a coisa mais importante para mim é ser presidente da República. A coisa mais importante para mim é continuar governando o país porque o povo me deu o mandato até o dia 31 de dezembro de 2010. Então, essa é a minha prioridade. Eu não trocarei, não trocarei uma atividade da Presidência por uma atividade de campanha. Mas também é preciso ter em conta que a eleição, sabe, de uma



candidata apoiada por mim também é prioridade. E que eu vou trabalhar para elegê-la.

Jornalista: Os dados de todas as pesquisas indicam sempre que o seu índice de aprovação e popularidade são - como disse o Obama - os mais altos do mundo, está certo? Então, em alguma medida o reconhecimento da qualidade da sua presidência ou da popularidade da sua presidência já é uma unanimidade. O senhor entende que é necessário fazer o sucessor para consolidar esse reconhecimento?

Presidente: Veja, não é consolidar o reconhecimento. É para que você tenha continuidade a um tipo de política que deu certo no Brasil. Veja, por que a popularidade do governo é boa? E por que a minha popularidade é boa? Porque as pessoas estão percebendo que alguma coisa está acontecendo. Você pega a pesquisa de melhoria da qualidade de vida das pessoas, o que você percebe na vida das pessoas? Você percebe que enquanto você eleva de 34% para 49% as pessoas da classe “C”, você diminui de 51% para 35% as pessoas da classe “D” e “E”. Esse é um dado. Esse é um dado que as pessoas sentem na carne. Se você pegar aqui em 2005... veja que interessante: as classes “A” e “B” significavam 26 milhões de pessoas, hoje, significam 30 milhões de pessoas. A Classe “C” significava 62 milhões, hoje, significa 92 milhões de pessoas. Significa que 30 milhões de pessoas tiveram ascensão para a classe “C”; significa que mais 5 milhões tiveram ascensão para as classes “A” e “B”; e, significa que as classes “D” e “E” que eram de 92 milhões, caíram para 66 milhões. Ora, esse é um dado gratificante para o Brasil, gratificante para quem tem uma fábrica, gratificante para quem tem um jornal, gratificante para quem tem uma loja. Porque esse... é o que eu falo o rodar da roda gigante da economia de um país, ou seja, o trabalhador arruma um emprego, ele tem uma ascensão, ele ganha um salário, ele compra na loja, a



loja compra na empresa, a empresa compra matéria-prima, produz, gera emprego, gera salário, gera consumidor, ou seja, é esse círculo vicioso que eu acho uma coisa extraordinária e que é percebido pelo povo. Então, o que eu quero? Eu quero continuidade, eu quero que as pessoas... Se fosse continuidade de pessoas, eu teria brigado pelo terceiro mandato.

Jornalista: E por que o senhor não brigou?

Presidente: Porque eu adoro a democracia, porque eu sou resultado da democracia e porque o que vale para mim vale para os outros. Se eu quisesse o terceiro mandato, amanhã poderia aparecer alguém querendo um quarto; aí apareceria alguém querendo um quinto; aí um sexto; aí alguém queria a monarquia outra vez. Então, eu acho que é importante a gente ficar na democracia, ter comportamento republicano e isso implica em você querer ter o direito de eleger alguém que tem afinidade ideológica com você, que tem afinidade programática com você. Foi por isso que eu fiz o PAC 2. O PAC 2, o que é? Eu não quero que quem venha depois de mim encontre as gavetas de projetos vazias. Eu quero que quem vier aqui já encontre, no Orçamento de 2011, dinheiro para determinadas obras, que ele pode querer fazer ou não. Ele pode mudar. Quem ganhar pode mudar. Mas ele vai ter dinheiro, vai ter projeto e ele poderá, no primeiro dia, começar a fazer obras. São 2 milhões de casas no programa Minha Casa, Minha Vida, são R\$ 961 bilhões em projetos estratégicos para o país até 2014. As pessoas podem escolher os prioritários e ir fazendo. Então, essas coisas é que me fazem querer ter um candidato, porque muitas vezes você pode ter um candidato que pensa diferente e quer fazer outras coisas. É por isso que [se] disputa as eleições. A disputa não é entre pessoas. A disputa deverá ser entre propostas, e aí as pessoas vão convencer a sociedade do que é bom e do que é ruim para ela.



Jornalista: Nós temos uma... por ser uma... jornais... uma rede de jornais, lá de São Paulo, temos algumas preocupações mais locais ali, e uma delas tem a ver com a questão do PAC, e o senhor citou a data de 2014, que é a questão da Copa. Tem um gargalo muito grande para a Copa, também para a economia e para a vida paulista, e talvez brasileira, que é a questão dos aeroportos. Nesses últimos anos, mesmo no seu governo, não foi feito nenhum investimento em Cumbica para a melhoria da infraestrutura aeroportuária, propriamente. Também em Congonhas teve aquele acidente, uma série de medidas foram anunciadas, que deveriam ser feitas e tal, e rigorosamente não foi feito nada. E o ministro Jobim, em algum momento, disse que para deixar Cumbica nos “trinks”, digamos, levaria quatro anos e nós já estamos, digamos, dentro da Copa... do período da Copa do Mundo. O que o senhor entende que é possível fazer, tanto para a questão do aeroporto em si, quanto em relação à Copa do Mundo [sobre] estarmos preparados?

Presidente: Então, vamos ver o seguinte, independentemente da Copa do Mundo. Independentemente da Copa do Mundo, eu... faz mais ou menos 15 dias, eu tive uma reunião sobre aeroportos, aqui, com o ministro Jobim, com a Infraero, com a Anac, com o Ministério, com a Casa Civil, para discutir as prioridades dos aeroportos brasileiros.

Nós tínhamos obras em quase todos os aeroportos brasileiros, e muitas obras foram paralisadas por, muitas vezes, pendência judicial. O ministro Jobim teve que entrar em ação e negociar o rompimento do contrato com muitas empresas, para podermos ganhar liberdade para fazer novas licitações, e isso aconteceu em vários aeroportos. Nós temos decisões para a Copa do Mundo em 12 estados da Federação e temos decisões independentemente da Copa do Mundo. O aeroporto de Viracopos tem que ser uma realidade para o estado de São Paulo, sobretudo, combinado ao trem de alta velocidade ligando São Paulo, Rio de Janeiro e Campinas. O aeroporto de Cumbica precisa ter o



terceiro terminal dele, ou seja, aumentar o pátio dele. Tudo isso já está decidido, já está decidido, e algumas coisas já estão sendo feitas pelo Exército brasileiro, mas nós precisamos saber que temos que dar densidade a essas obras, ou seja, aumentar o ritmo para a gente garantir que cheguemos à Copa do Mundo com as coisas essenciais prontas para acabar. E temos o aeroporto de Congonhas. O aeroporto de Congonhas é a coqueluche dos paulistas. Aí eu não falo como presidente, falo como cidadão. É um prazer muito grande, ao sair da Avenida Faria Lima, em São Bernardo do Campo, ir para Congonhas pegar um avião, do que ir para Cumbica. Eu prefiro mil vezes ir para Congonhas pegar o avião. Estou mais perto de casa, é mais aconchegante, está tudo mais... Ninguém quer sair de Congonhas. E Congonhas é um aeroporto, veja, é um aeroporto que, se você for olhar o número de acidentes em Congonhas, é um número pequeno pelo volume de tráfego que tem em Congonhas. O acidente que aconteceu com o voo da TAM, todo mundo já sabe que teve problemas de erro de condução. Quem tinha dúvida, com aquele filme que a Infraero mostrou, da velocidade com que o avião parou e continuou correndo, acabou a dúvida. Mas nós tivemos cuidado, veja... nós estamos discutindo com a prefeitura se vamos aumentar a pista para ter um lance de escape maior. Isso custa um dinheiro enorme, porque tem que desapropriar toda aquela parte onde caiu o ex-avião da TAM...

Jornalista: O primeiro.

Presidente: É. Nós temos que fazer e isso custa caro. Mas nós estamos dispostos a pactuar com o prefeito para que a gente faça isso, aumentar uma área ali. Nós estamos dispostos a fazer a segunda pista lá em Cumbica, ou fazer uma coisa que possa facilitar o tráfego de avião, que pode ser aumentar a pista existente. O ideal seria que nós tivéssemos duas pistas. Acontece que o aeroporto foi invadido, não é? O aeroporto foi invadido. O custo de



desapropriação das áreas próximas ao aeroporto, além da Serra da Mantiqueira, que você teria que fazer, é muito caro. Então, nós optamos por fazer o investimento no aeroporto de Viracopos, e isso está no projeto que nós estamos lançando, do PAC. Tem proposta de empresas privadas, que querem fazer aeroportos em São Paulo. E o companheiro Jobim está trabalhando a proposta de fazer concessão ou autorização para que esses aeroportos possam funcionar. Nós sabemos que tem a Copa do Mundo, nós sabemos que os aeroportos têm que estar prontos antes da Copa do Mundo. Não podem estar prontos em julho; tem que estar prontos em janeiro, e nós vamos trabalhar para isso. É plenamente possível fazer isso...

Jornalista: Como que o governo vai apressar isso? Com que investimentos, Presidente?

Presidente: Hein? Não, veja, o dinheiro não... O nosso problema hoje não é dinheiro. Esse é um problema... Aliás, eu descobri, no governo, que o problema nunca é dinheiro. O problema, muitas vezes, é a burocracia que nós criamos para funcionar o Estado brasileiro. Hoje, entre você pensar um projeto... Há quanto tempo você pensa que está pensado o Rodoanel de São Paulo?

Jornalista: Há muito tempo, 30 anos, no mínimo.

Presidente: São muitas décadas, são muitas décadas. Então... Porque entre você pensar uma obra, hoje no Brasil, e... veja, eu não estou culpando ninguém. Eu estou me culpando como cidadão brasileiro que já foi constituinte. Entre você pensar uma obra estruturante e você conseguir executar essa obra, você não a executa num mandato. Muitas vezes você nem começa. Eu, para vencer todos os obstáculos ambientais, jurídicos, Ministério Público, desapropriação, eu estou há cinco anos trabalhando a construção da



Transnordestina em Pernambuco e no Ceará. É uma ferrovia de quase 1.800 quilômetros...

Jornalista: Que nem... não existe ainda... isso nem saiu do papel ainda?

Presidente: Não, já está pronta no papel e já está financiada. Era para eu ter ido inaugurar a fábrica de dormentes agora, no dia 30, e não foi possível porque falta uma coisa. Todo dia aparece uma coisa a mais, todo dia aparece um processo a mais. Então, nós criamos dificuldade para nós mesmos. Eu não sei se isso é bom ou se isso é ruim. O que eu sei é que o povo paga o preço de as coisas demorarem, o povo paga o preço de as obras não acontecerem. Se a gente quiser pegar o Rodoanel como exemplo, que é uma obra grande, para o companheiro governador de São Paulo fazer aquela obra, precisou o governo federal colocar R\$ 1 bilhão e 200 milhões do Orçamento da União para ele poder fazer aquela obra. E quando estava pronta, teve processo ambiental, houve muita manifestação lá. Finalmente, inaugurou aquela obra. Deus queira, Deus queira que a Bandeirantes fique livre. Eu já vi ontem sinais de que tem menos...

Jornalista: Já está melhor para ir para Congonhas.

Presidente: É um alívio. Eu, que pegava aquilo todo...

Jornalista: A Avenida Bandeirantes está um pouco melhor. E que o Governo Federal tem que contribuir para fazer a outra parte do Rodoanel, para que a gente realmente livre São Paulo do tráfego de caminhão pesado.

Presidente: Eu, que pegava aquilo todo santo dia, vou ficar de mãos para o céu de transitar livremente ali na Marginal, e de saber que... É uma coisa



importante. Então, nós, nós temos... Veja, nós temos dois desafios extraordinários para nós, e não é problema de, eu volto a dizer. É problema de cumprir com as obrigações legais, ambientais, judiciais. Nós temos compromisso com 2014, nós temos compromisso com 2016. E nós queremos que a imagem do Brasil vendida lá fora seja a melhor possível. Porque eu conheço muitos lugares que tiveram Olimpíada, eu conheço muitos lugares que tiveram Copa do Mundo e, muitas vezes, aqui no Brasil, nós falamos desses lugares como se fossem coisas do outro mundo quando, na verdade, os lugares já existiam, independentemente da Copa do Mundo, foram apenas aperfeiçoados. E nós queremos fazer melhor, nós queremos fazer melhor porque o Brasil, nesse processo de autoafirmação precisa provar a cada dia que tem mais competência. Isso é uma coisa que eu coloco na ponta da chuteira, que é a autoestima, ou seja, eu tenho que provar. Aquele slogan do Obama, "Nós podemos", aquilo é nosso. Nós podemos, nós podemos! Nós temos que ter desejos, objetivos, sonhos, e trabalhar para concretizarmos eles. Portanto, posso dizer para vocês que não faremos feio. É por isso que eu fiz questão de lançar um PAC agora. Eu poderia deixar o PAC para ser lançado por outro governo, que poderia ter outro nome. Mas se eu fizesse isso, eu não deixaria obras projetadas para que as pessoas começassem a trabalhar.

Jornalista: Presidente, o senhor falou da Avenida dos Bandeirantes quando o senhor foi pegar, ou pegava todo dia; falou de sonho. Fala-se muito... Eu sei que o seu mandato vai até 31 de dezembro, mas eu não sei se teremos outra entrevista até lá. Qual o seu sonho ou seu desejo para... a primeira coisa que o senhor quer fazer quando sair da Presidência?

Presidente: (risos) Eu não tenho sonho. Eu tenho é desespero.

Jornalista: Desespero para sair ou de não sair?



Presidente: Não, não, significa...

Jornalista: Já se imaginou a semana inteira lá na frente da Prestes Maia, do lado do hospital, ali?

Presidente: Não, não, não me imaginei. É que eu tenho uma vida. Veja, eu, nesses 30 anos... Eu tenho uma vida muito atribulada. Ora para fazer as greves do ABC, ora para construir a CUT, ora para construir o PT, ora para participar de eleições. E de repente, depois de tudo isso, obviamente que eu alcancei o objetivo de chegar à Presidência e de fazer as coisas que tinham que ser feitas no Brasil. E de repente, vai ter um dia, dia 2 de janeiro de 2011, que eu irei acordar e não terei absolutamente nada para fazer, nada! Não tem um secretário para eu pedir para ligar para mim, não tem ninguém perto de mim para eu xingar, não tem ninguém perto para eu pedir alguma coisa. Vamos estar eu e a dona Marisa, um olhando um para a cara do outro. E nem os filhos dentro de casa eu tenho mais. Então, vai ser uma coisa esquisita, vai ser uma experiência nova. Então, eu diria que quase vai ser um recomeçar de vida aos 64 anos de idade... Não, quanto terminar o meu mandato eu já estarei com 65. Eu não quero voltar para a CUT, eu não quero voltar para o PT, eu não quero ficar participando das coisas. Então, eu não sei. Eu, primeiro, quero me libertar, para depois dizer... Eu não quero ficar fazendo planejamento enquanto eu estou acorrentado ao exercício do mandato. Eu quero, primeiro, me libertar, para depois, então, com a cabeça livre, quero tirar um dia para descansar, colocar a cabeça no lugar e saber o que eu vou fazer.

Jornalista: Todas as pesquisas que... Quando as pesquisas espontâneas são feitas, se pergunta para a pessoa assim: “Em quem você quer votar?” Sempre, em primeiro lugar, aparece seu nome, o que indica que, ainda que não possa



ser reeleito, o senhor é o político mais popular e mais desejado para a Presidência. Na impossibilidade de um terceiro mandato direto, o que todo mundo se pergunta é se o senhor quer voltar à Presidência, caso não eleja a sua candidata. É seu desejo voltar em 2014?

Presidente: Deixa eu te dizer uma coisa. Primeiro, é muito difícil que a gente nem teve a experiência de sair daqui, e a gente fique pensando se vai voltar ou não. Obviamente que a história política determina muitas coisas, mas eu penso que é difícil a volta. Vamos supor que... Quem for eleito, no meu lugar, vai querer ser candidato à reeleição. Se fizer um bom governo, tem todo o direito, legitimamente. Eu já vou estar com 70 anos, meu filho. Deve ter muita gente com 45, 50 anos, com mais disposição. Nós temos uma geração de governadores extraordinários. Se a Dilma for eleita governadora [Presidente] e ela fizer um bom governo, é direito legítimo dela querer ser candidata à reeleição, não vejo nenhum problema. Mas tudo isso tem que se discutir no momento, porque... Qual é o meu medo? O meu medo é que, a depender do que eu fale... Eu não sei quanto vocês pagam para os caras que fazem manchetes nos jornais, mas devem ser os caras mais bem pagos do mundo, porque eu nunca vi tanta coisa criativa nas manchetes. Eu, eu contrataria todos...

Jornalista: Tem que ser, realmente, o melhor salário do jornal. Normalmente é.

Presidente: Eu contrataria todos os caras que fazem manchete – se eu tivesse uma loja – para ficarem na porta da minha loja, vendendo, porque... Eu acho fantástica a criatividade. Então, eu tenho medo que a manchete seja a seguinte: “Lula quer voltar a presidente”. Não, não quero. Eu já sou agradecido a Deus por ter ficado oito anos aqui. Eu trabalhei muito e vou trabalhar ainda mais nesses nove meses porque... sabe, historicamente, nenhum presidente



precisava provar nada para ninguém. Isso aqui era um círculo vicioso: a elite brasileira elegia um presidente da República, ele governava, se não desse certo ele saía, depois ia embora, passava dois anos fora, voltava... Era normal isso, ninguém cobrava mais nada. No Brasil, dizem que a pessoa só é cobrada quando está no poder. Quando está [fora] do poder, ninguém cobra mais nada, não é? O cara assume um cargo de ministro, é o maior ladrão do mundo; ele saiu do Ministério, acabou. Então, como tem essas coisas todas, eu quero trabalhar muito porque eu tenho que provar que um trabalhador pode governar o país. É quase uma profissão de fé. Se eu desse errado, iam passar cem anos para um metalúrgico dizer: “Eu posso ser presidente da República”. Então, eu tenho que provar. Não é o critério estabelecido até agora que garante que alguém vai ser um bom presidente. É o compromisso que a pessoa tem de história, é a compreensão da montagem de equipe, é a compreensão de saber mandar sem ser autoritário, porque normalmente os presidentes falam “Eu determinei”, como se fosse bonito falar “Eu determinei, eu mandei”. Tudo isso é para poder mostrar que tem força. Não, eu sempre peço: Ô Franklin, faz isso para mim. Porque, eu, quando terminar o meu mandato, o legado que eu quero ter é poder encontrar meus companheiros na rua e chamá-los de companheiros, seja o presidente do sindicato de São Bernardo, seja o presidente do sindicato dos jornalistas de São Paulo, seja o presidente do sindicato dos borracheiros, e dizer “ô companheiro...” e poder andar de cabeça erguida na rua, transitando normalmente no meu estado e no meu país. É isso que eu quero como legado de vida. O resto é secundário.

Jornalista: O senhor mencionou o PAC 1 e o PAC 2. Segundo notícias... os balanços que saíram nos jornais antes do lançamento do PAC 2 indicavam que 60% da verba tinha sido empenhada e 40% das obras realizadas, aproximadamente, grosso modo. Qual é a avaliação que o senhor tem em relação a isso, e a possibilidade de o PAC 2 se realizar realmente?



Presidente: Olha, os números são tão fortes que eu acho que muitas vezes o eleitor não tem nem compreensão do significado. Eu vou dar um número para você aqui, olha. De 2007 a 2010, no balanço que nós fizemos de três anos, foram 1.230 ações concluídas, num total de R\$ 257 bilhões, ou seja, 40% do total do dinheiro previsto. Foram investidos, de 2007 a 2009, R\$ 403 bilhões, 63% do total previsto até o final de 2010, que era de R\$ 638 bilhões. Com o PAC, o investimento público do governo federal e de empresas estatais passou de 1,6% do PIB para 2,3% em 2002 [passou de 1,6% do PIB em 2006, para 2,3%, em 2008]. A estimativa é chegar a 2,9%, 2,8% até 2010 [A estimativa para 2009 é de 2,9% do PIB]. Então, nós já concluímos, até fevereiro de 2010, quase 5 mil quilômetros de ferrovias [rodovias], 356 quilômetros de ferrovias, 218 embarcações estão sendo financiadas, 2 estaleiros, 7 aeroportos melhorados, 3 hidrovias construídas, 4 portos com melhoria... Hoje nós temos dragagem de 17 portos brasileiros, simultaneamente. Então, a quantidade de coisas... Depois, se vocês quiserem, a Clara pode dar para vocês, aí, para eu não ficar citando coisas aqui.

Vocês sabem o que acontece? Essa é uma coisa importante, Leão, para você compreender. Depois do governo Geisel, depois do governo Geisel, nós não tivemos mais investimento em infraestrutura no Brasil. O Geisel... Tinha dólar muito barato no mercado, o Geisel, então, resolveu fazer grandes projetos de infraestrutura no Brasil. Na época, o Roberto Simonsen era contra fazer isso.

Nós tomamos dinheiro emprestado, me parece que a 3% de juros ao ano. Depois, o Paul Volcker, para resolver o problema da crise americana, aumentou os juros para 21%. Então, a nossa dívida estourou e nós quebramos. Mas nisso, já estava terminando o mandato do Geisel, as obras estavam em andamento e a dívida começou a ser paga. Por enquanto, você fez uma dívida de longo prazo para não pagar juros pequenos [altos], de repente, você tem



uma dívida com juros exorbitantes, a dívida triplicou e você tinha que começar a pagar a dívida, e não tinha dinheiro. Por isso é que o Simonsen abandonou o governo Figueiredo. O Simonsen foi para o Rio de Janeiro e não voltou mais, porque ele sabia que tinha que pagar aquela dívida. De lá para cá, nós tivemos todos os governantes que não tiveram dinheiro para fazer investimento – Figueiredo não teve, o presidente Sarney não teve, o presidente Collor não teve, o Itamar não teve, o Fernando Henrique Cardoso não teve, ou seja, não tinha muito dinheiro para fazer investimento em infraestrutura.

Nós, depois de consertarmos a economia, tomamos a decisão de que era hora de fazer investimento em infraestrutura. E resolvemos, então, lançar um programa que tivesse sequência, porque o problema do investimento em infraestrutura é o seguinte: você não pode colocar 1 milhão para fazer uma estrada hoje, e no ano que vem você não coloca nada. Por quê? Porque hoje você vai fazer 10% dela, 90% talvez sejam nos anos seguintes. Então, você precisa ter uma carteira de projetos e uma quantidade de dinheiro colocada no orçamento para que essa obra tenha continuidade. É como fazer um terno: não adianta fazer a calça, tem que fazer o paletó também. Então, é isso que nós fizemos. Nós criamos as condições de o Brasil estar preparado. Nós fizemos muito sacrifício, Leão. Eu falo para você: qualquer economista de direita ou de esquerda no mundo, qualquer, qualquer – eu estou falando de direita ou de esquerda, do PT ou do PSDB – que tiver sinceridade, ele vai dizer: “O Lula fez o maior ajuste fiscal da história deste país”. O que nós fizemos em 2003 foi dar uma punhalada no nosso coração para estancar a sangria, ou seja, nós fizemos um negócio duro, porque nós tínhamos que sofrer naquele momento. Qual foi a decisão minha? Eu vou trocar o capital político que eu tenho pelas mudanças que nós precisamos fazer. Então, nós trocamos e deu certo, ou seja, nós começamos a crescer. Você está lembrado que em 2004 eu fui achincalhado pelos cartunistas do Brasil, por editorialistas, porque eu fui à Ford e eu disse a frase: Vocês vão ver o espetáculo do crescimento. Está lembrado?



É engraçado, porque ninguém pediu desculpas para mim. Eu disse isso em agosto de 2003, se não me falha a memória. Qual foi o crescimento de 2004? 5,8%. Porque a gente sentia, nas discussões que fazíamos com a equipe econômica e com o Banco Central, que o motor estava ligado, ou seja, era como se você abrisse uma torneira na tua casa para levar água para a casa do Gilberto. Tem um quilômetro. Entre você abrir e a água chegar lá, demora um tempo. Mas já estava aberta, e a água chegou. Então, o Brasil se preparou para isso. Então, eu estou muito tranquilo porque o Brasil está numa situação que eu penso que, se ninguém quiser inventar a roda, se ninguém quiser fazer loucura e tocar o barco, este país vai se transformar, em pouco tempo, na quinta economia do mundo. Estejam certos disso.

Jornalista: Presidente, aproveitando que o senhor falou de economia no bolso, o que muito interessa ao nosso leitor – é o bolso dele –, o senhor... o governo desistiu de mudar as regras da caderneta de poupança, por exemplo? Tem alguma...

Presidente: Não, veja, o governo tinha tomado uma decisão para garantir os poupadores brasileiros. Nós tínhamos um estudo que mostrava que 99% dos poupadores tinham até uma determinada quantia em dinheiro, e nós preservamos tudo isso. Por quê? Porque na hora em que os juros começam a cair muito e a poupança começa a ficar com os juros mais atrativos, qual era a nossa preocupação? É que daqui a pouco o Gerdau, o Abílio Diniz começassem a tirar dinheiro dos seus investimentos...

Jornalista: Para colocar na poupança.

Presidente: ...para colocar na poupança. A finalidade da poupança não é essa. É garantir a rentabilidade dos mais pobres e fazer uma poupança para o povo



brasileiro. E graças a Deus não precisou fazer, está tranquilo, mas nós tínhamos tomado uma decisão, tínhamos consertado [consultado] todos os líderes no Congresso Nacional. Era só você medir. Você vai deixar 99% dentro e 1% fora? vai deixar 99,5% e 0,5% fora? Na hora que for necessário, certamente nós vamos conversar com as lideranças e fazer isso outra vez.

Jornalista: Sobre... só aposentadoria, já aproveitando o embalo aqui, a questão do fator previdenciário, de que tanto se fala. O Senado aprovou. Se a Câmara for no embalo, como é que o senhor vai fazer? O senhor veta?

Presidente: Deixa eu dizer uma coisa. Primeiro, a pergunta não é simples assim, a pergunta não é simples assim. Veja, seria importante que todo cidadão tivesse o prazer de estar dos dois lados: do lado do que reivindica e do lado de quem atende. Seria importante para que as pessoas percebessem que o comportamento é diferente, porque você está vendo o mundo de forma diferente. Tem gente que está atravessando o rio a nado, chega na metade, ele começa a ficar cansado e ele pensa que é mais fácil voltar. Então, ele tenta voltar. Aquela curvinha que ele vai fazer para voltar é um aumento de distância que torna mais longe a volta do que ir até o final. No governo, a gente tem que agir assim. Primeiro, nós temos que ter em conta o seguinte: tudo que eu quero é que as coisas sejam feitas de acordo com as entidades que representam os trabalhadores. Nós fizemos uma proposta de acordo para as entidades sindicais, fizemos um acordo com as centrais sindicais, não apenas do fator previdenciário, mas fizemos uma proposta de acordo também para o reajuste dos aposentados. Isso estava de acordo. Mandamos para o Congresso Nacional. Acontece que nós estamos em um ano eleitoral e cada um acha que tem que fazer a proposta que dá mais dinheiro para os outros, que não é o papel do presidente da República. Eu, quando mandei para o Congresso Nacional, três anos atrás, a proposta de que a gente deveria estabelecer a



inflação mais um aumento de 2,5% para os servidores públicos, eu tive muitos líderes partidários que falaram: “Mas só 2,5%?” Eu falei: Companheiros, vocês não conhecem, no mundo, em qualquer parte do planeta Terra, alguém que receba a inflação mais 2,5% de aumento real. É um baita de um aumento!

Acontece que no Brasil nós temos a cultura – e eu faço parte dela porque fui dirigente sindical nessa época; você talvez fosse muito menino quando eu era dirigente sindical – em que o nosso lema era reivindicar 80%, 90%, 150%, 180%. Então, quando a gente pedia 100% e recebia 80%, a gente achava que tinha ganhado, mas a gente tinha perdido 20%. Então, quando você reduz a inflação e você consegue dar um aumento de 2% a mais do que a inflação, em qualquer lugar do mundo – nos Estados Unidos ou no Japão –, em qualquer lugar do mundo é um baita de um aumento de salário, se você garantir 2%. O pessoal achou que era pouco. Então, você tem uma inflação de 4%, tem gente pedindo 47%, 57%, 67%, totalmente irreal. Então, veja: nós temos um acordo que mandamos para o Congresso Nacional. Vamos esperar que o bom senso... as pessoas ainda estão conversando... votem uma coisa que seja palatável. Eu, sinceramente, não posso dizer que vou vetar ou não, antes de saber o que vai ser aprovado. O que eu posso te garantir é que na minha mesa não passará nenhuma loucura. Quem quiser ganhar as eleições, trabalhe, trabalhe. Vá para a rua pedir voto. É esse o meu lema. Agora... E também porque eu não acredito que tenha ninguém que defenda mais os trabalhadores do que eu. Não acredito que tenha ninguém com mais compromisso, do que eu, com os trabalhadores. Agora, quando você se senta no cargo de presidente da República, você pode fazer qualquer coisa, menos inventar. Quando você assina uma coisa aqui, é para valer. Então, na Presidência você não tem o tempo do “eu acho, eu penso, eu acredito”. Aqui, ou você faz ou não faz.

Jornalista: Presidente...



Presidente: Então, eu vou levar isso em conta na hora da minha deliberação.

Jornalista: ...o nosso tempo está acabando. Eu queria... Tem uma questão que está no Congresso também, em ano eleitoral, e parece que o Congresso dá sinais ambíguos sobre ela, que é a questão dos bingos. O líder... o deputado Vaccarezza botou o pé no acelerador para aprovação dessa proposta de legalização dos bingos. Ela estava para ser votada e agora, aparentemente, tiraram o pé do acelerador. Mas a base governista deu sinais de apoio a essa medida, que é... Ao mesmo tempo, a opinião pública, em pesquisas, parece ser contrária. Qual é a sua opinião em relação a isso? O governo é a favor ou contra a legalização dos bingos?

Presidente: Deixa eu lhe dizer. Eu não só fui contra como mandei um projeto, mandei uma medida provisória para o Congresso Nacional proibindo, e fui derrotado. Em 2005 eu mandei uma proposta acabando com os bingos no Brasil, e fui derrotado. Se você quer legalizar os bingos, você precisa criar mecanismos de evitar que os bingos possam se transformar em um ponto de lavagem de dinheiro, de incentivo a coisas ilícitas. Pensa-se – não sei se é esse o projeto que está sendo discutido – de dar responsabilidade à Caixa Econômica Federal para controlar o funcionamento dos bingos. Vamos ver como é que o Congresso vota, para vir para cá. Eu tenho consciência do seguinte: quando – eu vou contar uma cena para você –, quando eu mandei a lei acabando com o bingo, eu fui ao Rio de Janeiro um ano depois, o projeto estava sendo tramitado e tinha uma discussão se ia fazer ou não. Eu fui ao Rio de Janeiro e fui ao Palácio com o governador Sérgio Cabral e a Dercy Gonçalves me telefonou da casa dela perguntando se eu receberia ela, e eu recebi a Dercy Gonçalves. Então, ela, com cem anos de idade, foi lá e falava assim: “Presidente, não deixa acabar com o bingo, Presidente. Eu não tenho o que fazer, Presidente, eu estou velhinha. Eu sento lá, Presidente, eu perco



meus R\$ 10, meus R\$ 20, por que acabar com o bingo, Presidente?” Aí eu chego em casa, um monte de reclamação, dizendo o seguinte: “Presidente, eu sou aposentado, eu vou lá, levo R\$ 10, quando eu perco, eu vou embora”. Então, tem essa coisa que tem que levar em conta, não é só o lado mau. Tem o lado de uma parcela da sociedade, sobretudo as pessoas aposentadas, que vai jogar. Lá em São Bernardo é habitual a gente ver os casais de velhinhos ir para o bingo...

Jornalista: Ali na Marechal tinha um com liminar...

Presidente: Então, se a gente conseguir fazer com que você tenha um bingo funcionando, com o controle da Caixa Econômica Federal, que não permita ser utilizado para lavagem de dinheiro ou para outra coisa qualquer, eu, sinceramente, não vejo problema. O que não pode é ficar do jeito que está: ora parece que é proibido, ora parece que não é proibido. E aquilo vira motivo de achaque de policiais. Vamos ser francos: quando uma coisa é proibida e não é proibida, vira... os donos viram motivo e vítimas de achaque. Então, é melhor você ter uma coisa legalizada, transparente, à luz do dia, do que você ter uma coisa meio clandestina e meio legal.

Jornalista: Nosso tempo está acabando, tenho mais uma pergunta.

Presidente: Vamos lá. Vamos lá, nós temos...

Jornalista: Presidente, houve uma reação muito grande na sociedade até no jornal, no Diário de S. Paulo, um dos nossos jornais, tem um anúncio da UGT protestando contra a questão dos presos políticos em Cuba e tal. Houve uma reação muito grande em setores da sociedade brasileira e mesmo lá fora, em relação a sua declaração, lá, sobre a questão daquela morte por greve de fome



e depois, ao comentar a própria declaração ao comparar, supostamente, presos políticos com presos comuns. Afinal, qual é a sua visão do que está acontecendo lá, em relação à democracia ou ditadura de Cuba e aos presos políticos?

Presidente: Olha, a minha... a minha visão e a visão correta de um chefe de Estado é a de não se intrometer na soberania de cada país. Eu não quero que ninguém dê palpite na minha política e não quero dar palpite na política de ninguém. Eu sou contra a greve de fome porque já fiz greve de fome. Eu sou contra greve de fome porque quando eu entrei em greve de fome, em 1980, eu fui convencido de que ninguém tem o direito de procurar a sua própria morte, fazendo greve de fome. Por isso é que eu sou contra. Eu parei, com seis dias de greve de fome, eu pensei que eu nunca ia aguentar, nem um dia, aguentei seis dias. Mas eu nunca mais faço, nunca mais faço porque eu acho... não concordo. Eu acho, veja, eu acho que se nós aprendermos a respeitar a soberania de cada país... Eu sou um democrata, sou... eu posso medir muito o que eu faço neste país. As pessoas podem gostar de mim ou não gostar de mim, mas ninguém pode dizer, em lugar nenhum do mundo, que neste país aqui não existe a democracia e que o governo não seja republicano. É só perguntar para os meus adversários a quantidade de dinheiro que eles recebem deste governo, e que não receberam do governo deles quando governaram. Então, vamos deixar que Cuba pague o preço que tiver que pagar pelo comportamento deles.

Jornalista: O senhor é candidato a secretário-geral da ONU?

Presidente: Não existe, veja, eu tento dizer o seguinte: não existe possibilidade de ter a candidatura... de ninguém ser secretário-geral da ONU, se o Conselho de Segurança não decidir quem é que vai ser. E eu não acho



que o Conselho de Segurança da ONU tenha que ter como secretário... que o secretário-geral das Nações Unidas tenha que ser alguém politicamente tão forte que possa ser mais forte do que os presidentes de alguns países. Ou seja, o secretário-geral da ONU é um funcionário dos países que compõem as Nações Unidas. Portanto, ele tem que ser uma pessoa, na minha opinião, burocrata de lá. Eu não consigo imaginar ele chamar um presidente, que vai se sentar com outro presidente, mesmo sem mandato, com mais força, com mais (incompreensível), ou seja, não é possível. Veja o que aconteceu agora na União Europeia. Na escolha dos membros da direção da União Europeia estava concorrendo o Tony Blair, estava concorrendo o Felipe González, estava concorrendo o D'Alema. Quem que eles indicaram? Três pessoas totalmente desconhecidas. Por quê? Porque nenhum presidente quer concorrente. Então, isso... Ô, gente, uma pergunta sobre esporte! Não é possível!

Jornalista: Se o senhor não quer... se o senhor não está pensando agora em ser secretário da ONU...

Jornalista: O senhor acha que vai ser campeão ou não?

Jornalista: Não, então, o senhor pretende ser... tentar ser conselheiro do Corinthians...

Presidente: Eu já sou conselheiro. Eu já sou conselheiro do Corinthians.

Ministro Franklin Martins: Só que não vai às reuniões do Conselho.

Jornalista: Não vai às reuniões do Conselho?



Jornalista: Tem visto os jogos?

Presidente: Eu não posso e tenho.

Presidente: Tenho visto, eu tenho, tenho. Veja, eu acho que de tempos em tempos o Santos cria uma geração, e o São Paulo já criou a seleção dos meninos do Morumbi... Eu acho que ainda não está provado que esses jogadores do Santos serão todos craques. A geração do Robinho, sabe, criou... várias pessoas se projetaram. Estão todos no mundo, aí, jogando bola em times importantes, não é? O Renato, o...

Jornalista: O Diego, o Elano.

Presidente: ...o Diego, o Elano. Todos tiveram projeção. Essa meninada... Eu tenho certeza de que se o Neymar levar a sério a sua profissão, ele será um extraordinário jogador. Eu acho que o Santos é o time que melhor está jogando. Acho que todo cara que gosta de esporte, depois de ver o jogo do seu time, vai ver em que canal está passando o jogo do Santos para ver ele jogar. Acho que aquele moleque do Vasco, o Felipe, parece que já está vendido também para o Internazionale, de Milão, e se continuar jogando assim vai ser um Kaká. Agora, tudo isso é gente muito nova. A gente vê muita gente que foi para fora craque e voltou, dois anos depois, eu diria, quase fracassado. Eu torço, eu torço porque o Santos dá uma demonstração e um incentivo à capacidade de renovação dos jogadores brasileiros.

Jornalista: Tem que fazer gol.

Presidente: É uma coisa fantástica.



Jornalista: Coragem de fazer gol.

Presidente: É uma coisa extraordinária. E eu acho que o Brasil, o Brasil tem que ter muito cuidado com o futebol, porque o futebol é uma paixão nacional, é a coisa mais vista pelo povo brasileiro. Eu, por exemplo, além dos jogos do Brasil que eu vejo, eu tenho o hábito de ficar procurando... eu gosto dos jogos do Barcelona, eu gosto dos jogos do Chelsea...

Jornalista: O senhor viu ontem os gols do Messi?

Presidente: Eu não vi. Eu perdi,...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: ...eu estava no avião.

Jornalista: (incompreensível) não gostar do time do Barcelona.

Presidente: Mas ele marcou quatro gols ontem.

Jornalista: Quatro gols...

Jornalista: Três maravilhosos.

Jornalista: Realmente, é um cara que se o Brasil pegar pela frente, e ele jogar assim...

Presidente: Na Seleção ele não jogou como vinha jogando.



Jornalista: Nunca jogou...

Presidente: Mas eu tenho visto os gols dele. Ele está, realmente... Ele está vivendo o melhor da fase dele. E ele só está com 21 anos, é isso? É 21 anos?

Ministro Franklin Martins: Não, ele tem mais de 21.

Jornalista: Ele tem 22.

Presidente: É muito pouco.

Ministro Franklin Martins: 22, 23.

Jornalista: O senhor levaria o Ronaldinho? O senhor é a favor de levar o Ronaldinho para a Copa, que o Dunga leve?

Presidente: Olha, eu concordo com o Dunga numa coisa: uma Copa do Mundo, ela tem quantos jogos? Meia dúzia de jogos.

Jornalista: São oito jogos.

Jornalista: Sete jogos.

Presidente: São sete jogos.

Jornalista: Se for para a final...

Jornalista: Sete, sete...ponto final...



Presidente: Você não pode fazer uma aventura, só uma aventura. Você não pode levar as pessoas por nome. Você tem que levar as pessoas que estão jogando bem naquele momento. Essa é uma tese em que eu concordo com o Dunga. Você tem que chegar no momento, você tem que ver quem é que está realmente jogando bem, quem é que, nesses 30 dias, pode aperfeiçoar e eu vou levar. Porque nós não podemos repetir o fiasco de 2006.

Jornalista: O senhor viu o Ronaldo fora de forma...

Presidente: Em 2006 nós contávamos...

Jornalista: Com a vitória.

Presidente: ...com a Copa... Você olhava a Seleção brasileira, você olhava o ataque do Brasil, você falava “é imbatível. Quem é que vai ganhar de nós?” Não é isso? E depois a gente percebeu que não jogamos nenhum jogo bem.

Jornalista: Ali foi...

Presidente: Nenhum jogo bem. No último dia, contra a França, nós colocamos a Seleção dos sonhos de todo mundo, que era a entrada do Gilberto Silva e, mesmo assim, não melhorou.

Jornalista: A gente virou, definitivamente, freguês da França.

Presidente: Então, veja... Então, eu acho que o Dunga tem uma tese certa: quem estiver jogando bem, vai. É um campeonato muito curto, são 30 dias. Se um cara estiver marcando gol, vou chamar quem está... Eu não vou chamar o cara porque um dia ele foi artilheiro. Está correto o Dunga. O Ronaldinho,



veja... O Ronaldinho já teve momentos excepcionais na vida dele. Ele andou desmotivado, e quem acompanha futebol sabe que ele andou desmotivado. Eu acho que... Não sei se foi o Dunga que pensou isso, mas essa volta do Robinho para o Santos deu ao Robinho motivação outra vez, ele estava desmotivado.

Jornalista: É, talvez o Ronaldinho devesse passar por uma temporada (incompreensível).

Presidente: Eu acho, eu acho... Vir senti o calor do povo brasileiro, viver com os amigos, eu acho. Mas eu acho que o Dunga vai levar o time... algumas pessoas [ele] leva por confiança, porque também tem isso, né? Na hora em que você vai montar a tua equipe no Jornal, você pode não ter o melhor jornalista do mundo, mas tem um cara em quem você confia, fala: “Esse vai comigo até onde eu for”. Então, também chama... Eu acho que o Dunga vai convocar um grupo de operadores, ou seja, pessoas mais cumpridoras de tarefas. E vai ser bom, porque até agora a gente fala, fala, fala, fala do Dunga, mas se a gente pegar a retrospectiva dos técnicos, ele tem um saldo altamente positivo.

Jornalista: É verdade.

Presidente: Altamente positivo. Então, acho que nós temos que acreditar que o Dunga, tanto quanto a gente, quer que o Brasil seja campeão do mundo. Eu, certamente estarei na final.

Jornalista: O senhor vai à final?

Presidente: É. Parecia presunção eu dizer “só vou à final”. É porque como o



Brasil vai receber a outra, a de 2014, eu tenho que estar lá no ato de encerramento da Copa do Mundo. Mas eu espero que haja uma combinação entre o fato de eu ter... o fator... o fato de eu ter que estar lá com a final da Copa do Mundo. Para mim, seria gratificante. Eu só fui a uma Copa do Mundo, eu fui em [19]90. Eu fui a Turim ver o Brasil jogar contra a Escócia, foi um desastre, um desastre de jogo, 0 x 0. Então, eu espero ter a oportunidade de ver um jogo melhor, agora.

Jornalista: E o Corinthians na Libertadores, hein?

Presidente: Olhe, eu... todos vocês sabem que eu sou corinthiano, todos vocês sabem que eu acho o Mano Menezes um dos técnicos mais extraordinários que estão atuando no Brasil. Agora, eu acho que o Corinthians ainda não tem um padrão de jogo adequado para um time que quer ser campeão da Libertadores. Aqui vai todo cuidado, para não dar palpite equivocado, veja. Mas, eu fico vendo o time do Santos jogar, eu fico o time do Corinthians, eu fico vendo... é preciso que a gente faça uma mescla para a gente ter pessoas com mais força para correr 90 minutos, para a Libertadores, porque vai acabar o Campeonato Paulista agora, hoje é o último jogo do Corinthians, ou ontem foi o último jogo do Corinthians...

Jornalista: É hoje, é hoje, hoje é quarta.

Presidente: É que o jornal vai ser publicado amanhã, então eu vou dizer “ontem” foi o último jogo...

Jornalista: Mas se o... se o Corinthians ganhar... bom, enfim, se der três resultados favoráveis, daí ele tem... vai para a semifinal.



Presidente: É, é. Agora, o time do Corinthians sempre teve jogadores extraordinários. Eu gosto muito do Chicão, eu acho que o Chicão até deveria ter merecido uma chance na Seleção. Não sei quantos anos o Chicão tem,...

Jornalista: É jovem também.

Presidente: ... ele é um exímio batedor de falta. A mim, inveja o vigor físico e a dedicação do Roberto Carlos, é invejável. Eu tinha muitas dúvidas na vinda dele para o Corinthians. Mas eu tenho visto os jogos do Corinthians, Franklin, e ele está correndo como se fosse...

Jornalista: Ele não é um problema de...

Presidente: É impressionante!

Jornalista: A idade não é um problema.

Ministro Franklin Martins: Ele está com quantos anos? 34, por aí?

Jornalista: Ele deve ter alguma coisa assim. Eu não sei a idade certa.

Jornalista: 36 ou 37...

Presidente: Eu acho que o nosso querido companheiro Ronaldo vai ter que... acabando, agora, ele vai ter que decidir se ele vai se dedicar mesmo para a Libertadores, porque eu acho que ele tem potencial. Está provado que quando ele tem oportunidade ele sabe o que fazer. Ninguém questiona a competência, a agilidade e a visão de jogo dele, mas é preciso que ele se disponha a assumir o compromisso de que quer disputar a Libertadores com total carinho.



É preciso aproveitar melhor o nosso querido Dentinho. O Dentinho, muitas vezes, fica nervoso e se irrita. Eu acho que o Corinthians, pela experiência... Experiência só não ganha jogo, não é? Um homem de 34, para marcar um moleque de 18...

Ministro Franklin Martins: (incompreensível)

Presidente: ...precisa ter muita disposição...

Ministro Franklin Martins: Não marca, não marca...

Presidente: ...precisa ter muita disposição. Mas eu acho que os times brasileiros... uma coisa para terminar, falando de futebol: eu, eu achava que era preciso mudar a Lei Pelé. Era preciso criar um jeito de você garantir que o time pudesse utilizar um pouco mais os jogadores aqui, sem cercear a liberdade individual de o profissional querer ir para onde ele bem entender, ou seja, o direito de ir e vir garantido. Agora, você veja, um menino desses, como o (incompreensível), eu fui informado que, parece que ele já foi vendido por 10 milhões de euros.

Jornalista: É muito cedo, não é?

Presidente: É muito cedo, é muito cedo, porque o Internacional pode ganhar uma fortuna com esse menino. Compra o cara por 10, daqui a pouco vende o cara por 60, por 70, por 80. E o time que criou esse jovem... Porque para alguém chegar a ser profissional... Ninguém decide ser profissional com 20 anos e vai lá e escolhe o time. Não, muitas vezes a pessoa começa com seis anos de idade no time, não é isso? Às vezes, fica a vida inteira em um time, como o Ronaldinho no Grêmio, ficou a vida inteira no Grêmio, com seis anos já



estava lá no Grêmio. Então, é justo que o time que criou receba uma compensação, até para continuar podendo investir em outros jogadores.

Jornalista: Muito obrigado.

(\$31DHJLP)